

Vidal, que tantas intimidades contam dêle, esquivam-se de qualquer alusão ao singular episódio, que todo mundo na Paraíba sabe ser verdadeiro. O poema a que me refiro de modo algum revela êxtase, mas somente alucinação, volição de êxio, cenestesia, de par com um realismo dos mais fortes, um realismo como nunca se mostrou nêle tão acentuado.

Número cento e três. Rua Direita.
Eu tinha a sensação de quem se esfolia
E inopinadamente o corpo atola
Numa poça de carne liquefeita!

— “Que esta alucinação táctil não cresça!”
Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,
Com a rebeldia acérrima dos nervos
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem
Minh'alma — êste sombrio personagem
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas fôrças concentradas
Na compreensão monística de tudo.

Em estado de alucinação continua o poeta a passear pela varanda da casa e a compor mentalmente, num momento tão impróprio para isso. De olhar introspectivo, contempla a ínfima fauna que bolia em obscuros labirintos nas telúricas reservas da terra, a vegetalidade subalterna que os serenos noturnos orvalhavam, o reino mineral que dormia. Tudo lhe passa pela mente e tôdas essas formas que Deus lança no Cosmo pareciam pedir a êle um pedaço de língua disponível para a filogenética vingança. Ao cabo, volta a falar nêle o monista, que parecia suplantado pelo dualista, quando se elevara ao grande Deus.

Dedos denunciadores escreviam
Na lúgubre extensão da rua preta
Todo o destino negro do planêta,
Onde minhas moléculas sofriam.